

Saiba como Europa está aprendendo “lição crucial” com avanço da Covid-19

Especialistas afirmaram à CNN Internacional que vacinas sozinhas não vão impedir aumento recorde de infecções no continente

Rob Picheta da CNN*

À medida que a [implementação da vacinação](#) na Europa Ocidental ganhava força no início de 2021, muitos dos líderes da região apontavam as vacinas como a rota imediata para sair da [pandemia do novo coronavírus](#).

As coletivas de imprensa assumiram um tom quase comemorativo quando presidentes, primeiros-ministros e chanceleres anunciaram planos para diminuir restrições de circulação, comemorando as taxas de adesão de seus países e realizando discursos empolgados sobre o retorno à normalidade.

No entanto, à medida que mais um inverno chega à Europa, muitos desses países estão agora invertendo o curso devido à Covid-19. Por este motivo, [estão endurecendo as restrições com medo do avanço da doença](#).

A [Irlanda](#) introduziu um toque de recolher à meia-noite para a indústria da hospitalidade no início desta semana em meio a um aumento nos casos, apesar de ter uma das melhores taxas de vacinação da Europa. Em [Portugal](#) — a “inveja” do continente, onde 87% da população total é vacinada — o governo cogita novas medidas à medida que as infecções aumentam.

Enquanto isso, a Grã-Bretanha sofreu uma longa onda de infecções, apesar de seu primeiro-ministro, [Boris Johnson](#), sempre ressaltar a liderança inicial do país na administração de imunizantes. Na Holanda, novas restrições entraram em vigor, gerando protestos que se tornaram violentos em Rotterdam na noite de sexta-feira (19).

Tudo isso está acontecendo apesar de um fato central permanecer verdadeiro: **as vacinas estão funcionando, e funcionando bem.**

Alguns podem se perguntar como os dois fatos podem ser verdade. Mas, como as nações estão descobrindo, mesmo uma taxa de vacinação relativamente alta não é suficiente por si só para impedir a disseminação do Covid-19 — e os sinais de alerta da Alemanha e da Áustria, onde as infecções dispararam nas últimas semanas — mostram os perigos da complacência.

A Áustria entrará em um bloqueio nacional total na próxima segunda-feira (22), poucos dias depois de impor um bloqueio às pessoas não vacinadas.

A vacina “continua a fornecer proteção muito boa — a imunidade contra doenças graves e morte é muito bem mantida”, disse à **CNN** Internacional Charles Bangham, professor de imunologia e co-diretor do Instituto de Infecção do Imperial College London.

“Mas sabemos que a variante Delta é muito mais infecciosa”, disse ele. “Ao mesmo tempo, houve mudanças na sociedade e no comportamento, e em muitos países alguns dos cuidados estão sendo observados com menos rigor.”

Ou seja, quando se trata de interromper a transmissão, mesmo **uma taxa de vacinação muito boa nem sempre é boa o suficiente.**

“As vacinações ajudam”, disse Ralf Reintjes, professor de epidemiologia e vigilância em saúde pública da Universidade de Ciências Aplicadas de Hamburgo, na Alemanha. “Elas são uma pedra no processo de parar o vírus. Mas não são fortes o suficiente por si só.”

O que é considerado “altamente vacinado”?

A Irlanda tem uma das taxas de vacinação mais altas da Europa — 89,1% das pessoas com mais de 12 anos e três quartos de todas as pessoas foram imunizadas —, mas recentemente impôs um toque de recolher à meia-noite em bares, restaurantes e casas noturnas, e luta contra um aumento crescente de casos e hospitalizações.

Isso não deveria ser surpreendente, dizem os especialistas, porque até mesmo pequenos grupos de pessoas não vacinadas podem conduzir a transmissão. Na Irlanda, com uma população de 5 milhões de pessoas, **cerca de um milhão ainda não está protegida.**

“O que temos agora é uma epidemia de não vacinados — cerca de 10% da nossa população com mais de 12 anos não é vacinada e estamos vendo uma epidemia nessas pessoas, como era de se esperar”.

Sam McConkey, chefe do Departamento Internacional de Saúde e Medicina Tropical departamento da Universidade de Medicina e Ciências da Saúde RCSI em Dublin

McConkey observou que a maioria das crianças não é vacinada, que idosos e pessoas vulneráveis com comorbidades ainda podem sofrer casos graves, e que pessoas saudáveis e assintomáticas estão contraindo e transmitindo o vírus. “A combinação dessas quatro ou cinco fatores significa que nossos hospitais estão ficando bastante cheios”, disse ele.

Os líderes em toda a Europa estão cada vez mais frustrados com os bolsões não vacinados de suas sociedades. Em uma etapa dramática na sexta-feira (19), a Áustria anunciou que tornaria a vacinação obrigatória para todos a partir de fevereiro.

A partir da próxima segunda-feira (22), na vizinha República Tcheca, uma das piores taxas de adesão da União Europeia, a confirmação de uma vacinação ou recuperação será necessária para entrar em vários locais de hospitalidade depois que o país registrou o maior número de novos casos na sexta-feira (19).

Mas a preocupação também está aumentando nas nações mais bem vacinadas. Na quarta-feira (17), o vice-primeiro-ministro da Irlanda, Leo Varadkar, disse à **CNN** Internacional que pessoas desprotegidas estão “causando muitos problemas”, e que a Irlanda “não estaria impondo as restrições que estamos impondo agora” se todos fossem vacinados.

A diferença entre as taxas de vacinação de 70% e 80% é enorme, dizem os especialistas, porque cada percentual extra isola ainda mais o vírus e alivia a pressão sobre os hospitais. Mas McConkey disse que devido à transmissibilidade da variante Delta atual, **nenhum país pode realmente se considerar “altamente vacinado”** — ele argumentou que até que inoculassem uma porcentagem em meados dos anos 90 de sua população total, grupos não vacinados da sociedade ainda dirigiriam transmissão.

E assim, embora as vacinas sejam indiscutivelmente a ferramenta mais importante no combate ao vírus, não se pode esperar que eliminem a transmissão por si mesmas.

“As novas variantes virais são intrinsecamente mais infecciosas do que as cepas antigas”, disse McConkey, que, além de sua pesquisa, trabalha como consultor no Beaumont Hospital Dublin.

As vacinas continuam a reduzir drasticamente a probabilidade de doenças graves e morte, observou ele. Portanto, mudaram a composição das pessoas que precisam de tratamento em unidades de terapia intensiva. Há muito menos admissões do que nas ondas anteriores, e “agora são principalmente jovens não vacinados, ou pessoas muito idosas”, disse ele.

De acordo com o vice-primeiro-ministro da Irlanda, Leo Varadkar, cerca de **50% das pessoas em UTI no país não estão vacinadas**.

Mas qualquer gotejamento de novas admissões pode prejudicar o serviço de saúde de um país. Dos 294 leitos de cuidados intensivos com funcionários da Irlanda, 118 estão ocupados por pacientes Covid-19 e apenas 17 permaneceram disponíveis, de acordo com a atualização diária do governo irlandês na quinta-feira.

“Uma parcela significativa da equipe de saúde desistiu após as duas primeiras ondas – há uma sensação de fadiga e exaustão que não existia antes”, diz McConkey, resumindo o moral da equipe de seu hospital enquanto luta contra uma nova onda de casos. “Nós apenas gostaríamos que isso acabasse.”

Diminuição da imunidade vem à tona

A implementação inicial da vacina na Europa acelerou rapidamente nos primeiros meses de 2021, mas as nações agora estão considerando a redução gradual da imunidade com essas doses.

Dois estudos publicados no mês passado confirmaram que a proteção imunológica oferecida por duas doses da vacina Covid-19 da Pfizer começa a cair após cerca de dois meses, embora a proteção contra doenças graves, hospitalização e morte permaneça forte. Estudos mostraram resultados semelhantes para as vacinas AstraZeneca e Moderna, que também estão em uso na Europa.

“A reação imunológica das pessoas vacinadas está diminuindo ao longo de um certo período de tempo, e como a campanha de vacinação começou na Alemanha no início deste ano, agora vemos algumas faixas etárias e algumas pessoas perdem a imunidade contra Covid -19 rapidamente”, disse Tobias Kurth, professor de saúde pública e epidemiologia e diretor do Instituto de Saúde Pública do Hospital Universitário Charité em Berlim.

“Esta é provavelmente uma das razões pelas quais o número de pessoas vacinadas que precisam de hospitalização está aumentando lentamente no momento – especialmente na população mais velha, que foi vacinada primeiro”, acrescentou Reintjes.

Os especialistas enfatizam que a **proteção contra doenças graves e mortes continua forte em pessoas duplamente vacinadas** que ainda não receberam uma dose de reforço.

"A boa notícia é que tanto os anticorpos quanto as células T [da vacinação] parecem estar muito bem mantidos por meses. Há uma ligeira queda em sua concentração, mas é muito pequena", disse Charles Bangham, professor de imunologia e co-diretor do Instituto de Infecção do Imperial College London.

"A vacina continua a oferecer proteção muito boa. A imunidade contra doenças graves e morte está muito bem mantida", acrescentou. "É mais provável que você tenha sintomas, mas ainda está bem protegido contra doenças graves."

No entanto, ele aponta que o "problema" é que, caso a pessoa tenha sintomas, "provavelmente" terá mais chances de transmitir a Covid-19. Por este motivo, segundo ele, a transmissão não é tão bem controlada.

Sam McConkey, chefe do Departamento Internacional de Saúde e Medicina Tropical departamento da Universidade de Medicina e Ciências da Saúde RCSI em Dublin, explica que com o tempo, isso aumenta a taxa de infecções de um país e pode afetar a capacidade do hospital.

"Certamente tem havido uma diminuição da proteção contra a infecção e a capacidade de transmiti-la. Mas, felizmente, há uma diminuição da proteção contra a doença", observou McConkey.

Um estudo de Israel cobriu 4.800 profissionais de saúde e mostrou que os níveis de anticorpos diminuem rapidamente após duas doses da vacina, "especialmente entre os homens, entre pessoas de 65 anos ou mais e entre pessoas com imunossupressão". Um segundo estudo do Catar mostrou que a proteção da vacina Pfizer atingiu o pico no primeiro mês após a vacinação e então começou a diminuir.

Essas descobertas adicionam urgência ao lançamento estratégias de reforço na Europa, que variam em ritmo ao redor do continente.

"É certamente uma preocupação. Vacinamos muito rápido no início e depois diminuiu muito. Portanto, agora a diminuição está provavelmente acontecendo mais rápido do que os novos reforços [estão sendo administrados]", disse Ralf Reintjes, professor de epidemiologia e vigilância em saúde pública da Universidade de Ciências Aplicadas de Hamburgo, na Alemanha.

Dr. Anthony Fauci, diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos, disse à **CNN** Internacional esta semana que dados recentes de Israel mostram que, entre pessoas com 60 anos ou mais, aqueles que receberam um reforço tinham menos probabilidade de ficar gravemente doentes do que os vacinados pessoas que não receberam reforço. As taxas de doença grave permaneceram mais altas entre aqueles que não foram vacinados.

Uma abordagem lenta

Não importa o quão alta seja a taxa de vacinação de um país, os especialistas insistem que as vacinas por si só não podem conter a epidemia de uma região.

"A vacina está controlando as mortes, mas o que estamos vendo é um vírus que se estabeleceu como endêmico e, em alguns países, fez mais progresso do que outros porque houve controles menos rígidos", disse David Heymann, ex-executivo diretor do Grupo de Doenças Transmissíveis da Organização Mundial da Saúde (OMS) e professor da London School of Hygiene and Tropical Medicine.

As restrições variam de país para país e a adesão a elas também pode variar enormemente, e isso significa que mesmo nações bem vacinadas como a Irlanda podem sofrer sérios surtos.

"Somos muito bons em socializar na Irlanda", disse McConkey. "Temos de reconhecer que a nossa socialização é culturalmente específica e diferente entre os países. Em Espanha e em Portugal, come-se ao ar livre às 10 horas da noite. Na Irlanda, esmagamo-nos em restaurantes lotados."

Espanha e Portugal, com taxas de vacinação de 80% e 87% da população total, respectivamente, viram uma aceitação semelhante à da Irlanda e também relaxaram as regras sobre as restrições de circulação de pessoas e funcionamento de estabelecimentos nos últimos meses. Mas até agora, eles evitaram o pior da onda atual — com especialistas apontando para o aparente sucesso de suas medidas de mitigação.

“Os espanhóis têm sido particularmente cuidadosos com as medidas de restrição, principalmente o uso generalizado de máscaras faciais e a distância [social]”, disse Ana Garcia, professora de Medicina Preventiva e Saúde Pública da Universidade de Valência. “O uso de máscaras só é obrigatório em ambientes fechados, e isso geralmente é feito, mas também é possível encontrar muitas pessoas que ainda usam máscaras ao ar livre”, disse ela. Apesar de atingir altas taxas de vacinação, a Península Ibérica caminhou lenta e cautelosamente para a normalidade — assim como nos espaços públicos fechados, as máscaras ainda são necessárias nos transportes públicos em Espanha. Em Portugal, as máscaras também continuam obrigatórias no transporte público, e o primeiro-ministro Antonio Costa alertou na terça-feira (16) que as restrições podem voltar em meio a um novo aumento de casos.

Alguns especialistas apontam para esses dois países para um plano de como até mesmo nações bem vacinadas devem abordar o vírus.

“Na minha opinião, a diferença na cobertura de vacinação em diferentes países está fazendo a grande diferença nas taxas de incidência”, disse Garcia. “Mas não é a única explicação. As vacinas sozinhas não podem conter totalmente um vírus.”

“Fadiga corona”

A importância de seguir as medidas da Covid-19 é mais sentida em países onde a distribuição de vacinação estagnou. Na Alemanha, que tem uma das taxas de inoculação mais baixas da Europa Ocidental, alguns especialistas culpam uma mudança na percepção pública.

“Um dos principais fatores é a fadiga de Corona. As pessoas estão realmente cansadas da pandemia”

Ralf Reintjes, professor de epidemiologia e vigilância em saúde pública da Universidade de Ciências Aplicadas de Hamburgo, na Alemanha

“Acabamos de realizar uma eleição geral [em que a Covid-19] estava um pouco fora de foco; os políticos estavam se concentrando em outras coisas, e a impressão que muita gente teve foi de que o problema não é mais tão grande”, disse ele.

A Alemanha registrou na quinta-feira (18) [mais de 65.000 novas infecções diárias por Covid-19](#), e a chanceler Angela Merkel disse que [a situação do país é “dramática”](#). Mas mesmo em meio a casos que disparam, muitos bares alemães e mercados de Natal estão atraindo um grande número, observou Reintjes. A temporada de carnaval de Colônia abriu na semana passada para grandes multidões, embora apenas pessoas vacinadas ou recuperadas tenham sido admitidas.

Os ministros alemães estão pedindo que mais pessoas tomem a vacina e tornando a vida mais difícil para aqueles que optam por não se imunizar. Seu provável governo de coalizão recentemente reforçou seu plano de resposta Covid-19 para exigir prova de vacinação em um grande número de locais sociais .

Mas os especialistas reconhecem que essas tentativas são tarde demais para conter esse aumento. “Em um curto período de tempo, não é possível atingir as taxas de vacinação que interromperiam essa onda”, disse Reintjes.

Em vez disso, eles insistem que seguir medidas e reduzir a socialização pode fazer a diferença imediata.

“O outono-inverno é a melhor estação para a transmissão do vírus. As pessoas estão dentro de casa e isso desempenha um papel importante”, disse Reintjes.

“As pessoas estão fartas [com a Covid-19] e não aderem a um comportamento que limitaria a propagação do vírus. Portanto, ele está se espalhando muito melhor agora”.

*(*Esse texto foi traduzido. Clique [aqui](#) para ler original em inglês)*

Tópicos